

## EINFÜHLUNG, EDITH STEIN E A QUESTÃO DA EMPATIA

 DOI: 10.5281/zenodo.6800467

**Joanício Fernando Bauwelz**

*Doutorando em Teologia na PUCRS, mestre em Teologia pela PUCRS, especialista em Teologia Contemporânea pelo Claretiano, especialista em Ensino da Filosofia pelo Claretiano, graduado em Teologia pela Facoltà Teologica di Sicilia e pela PUCPR, e graduado em Filosofia pela Faculdade Ítalo Brasileiro. E-mail: pefernandocr@gmail.com*

### Resumo

Este artigo tem por objetivo o estudo da questão da empatia a partir da obra *Sobre o problema da empatia - Zum problem der Einfühlung* de Edith Stein. Por meio da revisão bibliográfica e da observação dos principais elementos que constituem a reflexão fenomenológica na filosofia steiniana e da influência direta do pensamento de Edmund Husserl, se busca demonstrar a relevância e atualidade do tema da empatia como forma de conhecimento e vivência interna alheia e como reconhecimento do outro como outro eu. Por fim, se busca o início de um diálogo filosófico-teológico sobre a pessoa espiritual e a capacidade de transcender como parte da totalidade do ser.

**Palavras-chave:** Empatia, Edith Stein, fenomenologia, pessoa humana.

### Abstract

This article aims to study the issue of empathy from the work *On the problem of empathy - Zum problem der Einfühlung* by Edith Stein. Through the bibliographical review and observation of the main elements that constitute the phenomenological reflection in Steinian philosophy and the direct influence of Edmund Husserl's thought, we seek to demonstrate the relevance and relevance of the theme of empathy as a form of knowledge and the internal experience of others and how recognition of the other as another self. Finally, it seeks the beginning of a philosophical-theological dialogue about the spiritual person and the ability to transcend as part of the totality of being.

**Keywords:** Empathy, Edith Stein, phenomenology, human person.

## EINFÜHLUNG, EDITH STEIN E A QUESTÃO DA EMPATIA

A vida de Edith Stein, é certamente uma das biografias mais fascinantes do último século. Um dos poucos nomes femininos que adquiriu importância e destaque em diferentes ambientes: admirada e venerada como santa pela Igreja Católica,

estudada nos grandes círculos filosóficos e em muitos campos do saber, como a educação e a psicologia. Este artigo busca compreender melhor o conceito de *Einfühlung* - empatia no pensamento fenomenológico de E. Stein. Para isso se pretende dedicar especial atenção à duas obras. A primeira é *Sobre o problema da empatia - Zum problem der Einfühlung* de E. Stein, a segunda, que ajuda em muito a ampliar o horizonte de entendimento sobre a empatia é *Ideias II* de Husserl.

Nascida na Polónia, mais precisamente em Braslavia - atual Wrocław, no dia 12 de outubro de 1891, era a décima primeira filha de família Judia Ortodoxa. Doutorou-se em filosofia sob a orientação de Edmund Husserl no ano de 1916 em Friburgo. Tornou-se assistente de seu professor e desenvolveu importante pesquisa na área da fenomenologia. Antes disso ofereceu-se como enfermeira no fronte da primeira guerra mundial. Mulher de espírito forte e grande capacidade era manifestamente atea.

Sua curiosidade e vontade de conhecer sempre mais, levou-a a leitura da biografia de Santa Tereza d'Avila, este foi o episódio de sua vida que a levará a querer aprofundar o conhecimento do catolicismo a que se converteu. Enquanto lecionava em uma escola dominicana para meninas em Speyer na Alemanha, ela traduziu a obra *De Veritate* de São Tomás de Aquino para o alemão.

Com o início da perseguição nazista aos judeus, Edith Stein ingressou no Convento Carmelita de Colônia, assumindo o nome de Teresa Benedita da Cruz. A fúria nazista se espalhou e ela se mudou para a Holanda, no Convento Carmelita de Echt, porém, nem mesmo lá escapou de ser presa e levada para os campos de concentração em Auschwitz, com sua irmã Rose Stein, onde morreram nas câmaras de gás, em 9 de agosto de 1942.

De especial importância para este estudo será o seu período como pesquisadora em Friburgo, e a influência que terá o professor Edmund Husserl na formação de seu pensamento filosófico, reconhecidamente fenomenológico. Edmund Husserl estava escrevendo *Ideias para uma fenomenologia pura e uma filosofia fenomenológica II*, nos anos de doutorado de E. Stein, entre 1913 e 1916, e há muito da contribuição de Edith Stein na obra de seu professor. De fato, é percebendo uma "lacuna" no pensamento de Husserl que Edith Stein coloca os primeiros elementos de sua tese, conforme ela mesma afirma:

No seu curso sobre a natureza e o espírito, Husserl havia falado de que um mundo objetivo exterior só podia ser experimentado intersubjetivamente, isto é, por uma pluralidade de indivíduos cognoscentes, que estejam situados em uma posição de intercâmbio cognoscitivo. Segundo isto, se pressupõe a experiência de outros indivíduos. A esta peculiar experiência, Husserl, seguindo os trabalhos de Theodor Lipps, a chamava 'empatia' *Einfühlung*; sem embargo, não tinha precisado em que consistia. Isto era uma lacuna que havia de ser preenchida: eu queria investigar o que era a empatia<sup>1</sup>.

Para poder construir seu estudo sobre a empatia será preciso que E. Stein faça uma revisão do percurso histórico do tema, desde Herter até os pensadores que lhe eram contemporâneos. Isto permitiu a ela fazer a devida confrontação com Theodor Lipps. Seu método segue na mesma linha de Husserl, fixar a atenção nas coisas mesmas<sup>2</sup>, "é interessante notar que se os resultados alcançados por E. Stein são quase iguais àqueles obtidos por Husserl, embora a aluna tivesse procedido de uma forma bastante autônoma, podemos deduzir que o método utilizado demonstra ser válido"<sup>3</sup>. Resultado deste trabalho foi uma obra de grande alcance que dialoga com autores como Max Scheler, Theodor Lipps e Wilhelm Dilthey, e com a psicologia de sua época.

O problema da empatia para Edith Stein esteve sempre no centro de seus estudos filosóficos, de fato sua tese doutoral leva exatamente o nome *Zum problem der Einfühlung* <sup>4</sup>. Tendo presente este breve recapitular da centralidade do pensamento acerca da empatia em E. Stein, é importante compreender as etapas do desenvolvimento de sua tese. Principalmente as partes II até a IV.

Nas considerações feitas por Husserl acerca da obra de Edith Stein, sobre o problema da empatia, ele mesmo lhe atribui o devido reconhecimento, de fato afirma:

Em sua tese sobre 'o problema da empatia em seu desenvolvimento histórico e desde uma perspectiva fenomenológica' a senhorita E. Stein expõe, em primeiro lugar (parte I) de forma erudita, a história do problema da empatia, desde estudos pioneiros do tratamento de Herter até a atualidade. Porém, o

<sup>1</sup> STEIN, E. *Obras selectas*. 2012, p. 360.

<sup>2</sup> "As coisas mesmas sem embargo, as quais não têm que conduzir à significação das palavras, não é as realidades singulares percebidas na experiência, se não como as mesmas expressões verbais, algo universal: a Ideia 'ou a essência das coisas'. Segundo isto, a visão pelo que chegamos a estas coisas não é uma percepção sensível ou uma experiência, se não um ato específico de caráter intelectual que Husserl chamou de intuição ou contemplação da essência". STEIN, E. *La pasión por la verdad*: 2003, p. 62.

<sup>3</sup> BELLO, A. *A fenomenologia do ser humano*. 2000, p. 83.

<sup>4</sup> "Localizado na fronteira entre filosofia e psicologia empírica, o estudo de Stein toma conta de toda a literatura relevante conhecida em seu tempo, mas em conjunto, utilizando-se, com genial perspicácia, o método fenomenológico derivado de seu mestre E. Husserl, obtendo resultados brilhantes e perspectivas originais, e abre novas perspectivas de estudo do tema da empatia". STEIN, E. *La pasión por la verdad*: 2003, p. 12.

maior mérito se centra principalmente nos ensaios sistemáticos da parte II a IV. acerca de uma fenomenologia da empatia e a sua aplicação para clarear a origem fenomenológica das ideias; de corpo próprio alma, indivíduo. da personalidade espiritual da comunidade social e da estrutura comunitária.<sup>5</sup>

Em primeiro lugar ela reconhece que a filosofia de seu professor se distancia tanto da filosofia tradicional como daquela “moderna” advinda do renascimento, e que E. Stein afirma, conforme Bello, “ter identificado a essência da essência, que consiste não só no ser essencial, mas também no ser atual-real, nos seus objetos” isto, porque no pensamento de Edith Stein “para Husserl vale somente o ser essencial e não é reconhecida a ligação com o momento atual-real, e nisso consiste seu idealismo”<sup>6</sup>.

### **A *Einführung* de Edmund Husserl na origem da pesquisa de E. Stein**

Filósofo alemão, Edmund Gustav Albrecht Husserl (1859-1938), desenvolveu seu pensamento filosófico buscando uma compreensão do conhecimento por meio de uma “redução fenomenológica”, rompendo com o forte positivismo de sua época, para poder justificar a existência de um mundo objetivo. Sua fenomenologia, revisitada por ele mesmo algumas vezes, entende explicar “as coisas mesmas” pela experiência feita numa dupla dimensão: o ato de perceber – *noesis*, e o ato de percepção- *noema*.

Para conhecer a fenomenologia de Husserl a obra indicada com maior frequência é *Ideias I*. Porém, é preciso salientar a importância de *Ideias II* para compreender o desenvolvimento do pensamento de E. Stein, pois, sua proximidade com Husserl, é marcadamente situada no período histórico de desenvolvimento desta obra husseliana.

Estando E. Stein como orientanda de Husserl no seu doutorado, como também posteriormente na condição de sua assistente, ajudou a redigir certas partes da obra. O texto do livro *Ideias II* foi desenvolvido por Husserl entre os anos de 1912 e 1928, não de forma contínua e sim com contínuas discontinuidades e retornos sobre o escrito. O texto virá à público em 1952. Assim, Edmund Husserl, apesar de muitos anos de desenvolvimento deste escrito, não entendeu publicá-lo, e o estudo que se faz dele deve levar isto em consideração.

---

<sup>5</sup> STEIN, E. *Il problema dell'Empatia*. 2003, p. 29.

<sup>6</sup> BELLO, A. *A fenomenologia do ser humano*. 2000, p. 89.

Husserl afirma sobre a empatia em *Ideias II*: “na empatia estou voltado ao eu e à vida do eu alheio”<sup>7</sup>. O que valeria a dizer que a empatia supõe a subjetividade e supõe, necessariamente, uma intersubjetividade, onde eu reconheço a intencionalidade singular do outro. Para isso é preciso desenvolver uma comunicação *Próprio e Outro*.

Em *Meditações Cartesianas* de 1930, a reflexão sobre a relação *Próprio e Outro* se dá, na quinta meditação, através de um esquema em que o *ego* e *alter ego* exercem uma mútua percepção e reconhecimento de que ambos são inseridos no mundo, viventes, com corpos e semelhanças. Assim se expressa, segundo Husserl, o outro mundano. Para a percepção do *outro*<sup>8</sup> é necessária a experiências da empatia - *Einfühlung*, trazida por ele como uma espera original em que do *outro eu* posso conhecer apenas aquilo que é a minha experiência do *outro*. O que afastaria a acusação de solipsismo visto que pela empatia o *meu-próprio* - *Mir-eigene* inclui o *alter* no *ego*. O que se quer dizer é que na empatia existe uma mudança no mundo primordial do *ego*. O universo de sentidos do *ego* é afetado por aquilo que é a percepção da vivência do outro em mim. Existe uma nota comunitária muito característica no pensamento husserliano.

A tese de que E. Stein parte para a sua própria elaboração sobre a empatia é que, para Husserl a empatia é a forma que o sujeito cognoscente tem para conhecer intersubjetivamente. Se poderia afirmar mais, conhecer em comunidade. Husserl afirma que:

Na medida em que a empatia (*Comprehensio*) executada singular com uma experiência originária do corpo é em verdade uma espécie de representação, porém funda, sem embargo, o caráter de co-existência em pessoa". Em tal medida temos, por conseguinte experiência, percepção. Porém essa coexistência [...] não pode por princípio converter-se em existência originária imediata (protopresença). O peculiar da empatia é que remete a uma consciência-corpo-espírito originária, mas como consciência que eu mesmo não posso executar originariamente, eu, que não sou o outro e somente me volto para ele como um análogo que compreende<sup>9</sup>.

<sup>7</sup> HUSSERL, E. *Ideas II*. 2005, § 51, p. 400.

<sup>8</sup> “Para bem compreender essa gênese do sentido *alter-ego*, é necessário recordar a grande descoberta que alimenta as reflexões de Husserl – a consciência em que o *ego* transcendental faz experiência do mundo é a consciência pela qual o *ego* se põe ele próprio no mundo e a si próprio se aparece como uma unidade não só psíquica (*seelisch*), mas também somática (*leiblich*). Em reflexões sempre de novo recomeçadas e jamais levadas a um ponto conclusivo, Husserl tenta circunscrever este processo pelo qual a consciência transcendental, no seu devir realidade humana no mundo, para si própria aparece como unidade de um corpo e de uma psique”. ALVES, P. *Empatia e Ser-para-outrem*. 2008, p. 10.

<sup>9</sup> HUSSERL, E. *Ideas II*. 2005, § 51, p. 244.

Manganaro simplifica o pensamento de empatia de Husserl, afirmando que “a empatia é o pressuposto que consente o alcance do conhecimento do mundo objetivo, cuja constituição é, de qualquer maneira, resultado ligado à relação transcendental intersubjetiva”<sup>10</sup>, e completa que em E. Stein se pode chegar ao conhecimento da consciência estranha.

### ***Einfühlung* na fenomenologia steiniana**

Na base das motivações para esta pesquisa estava a intenção de encontrar respostas para alguns de seus questionamentos sobre o conhecimento cognitivo das pluralidades de sujeitos que se encontram intersubjetivamente. O que vale a dizer que, o que está envolto em seus questionamentos é o tema da relação, das vivências e do outro. Segundo ela quando o sujeito se relaciona com outro sujeito, existe um ato muito próprio de conhecimento, e é a empatia – *Einfühlung*<sup>11</sup> que exerce um caráter próprio na centralidade do relacionar-se e dar-se ao outro.

É o encontro com o outro que faz com que o sujeito se reconheça como *ser* e enquanto *ser* que se assemelha ao outro, mas mesmo portador desta semelhança estrutural reconhece-se que o outro continua conservando uma peculiaridade singular. A empatia é, então, uma propriedade existente no sujeito que permite compreender os atos referentes a consciência do outro. Este ato da empatia é, no pensamento de E. Stein, um ato de consciência pura e comparável aos outros atos de consciência pura. O que vale tanto na esfera das relações intersubjetivas como naquela comunitária. Almeida<sup>12</sup> formula uma síntese que reúne todos estes elementos, afirmando que:

Empatia em sentido restrito é participar da *qualia* dos atos alheios de um indivíduo absoluto, ou seja, em esfera cerrada em si mesma, caráter monádico, que entropaticamente é dar-se a outro eu por meio da vivência que inicia a intersubjetividade, ou seja, a totalidade do ser-em-si-mesmo (subjetividade) em um-não-eu (intersubjetividade) por via da empatia.

<sup>10</sup> Cf. MANGANARO, P. *Verso l'altro*. 2002, p. 45-46.

<sup>11</sup> Por definição *Einfühlung* é formada por duas partículas, *Ein*, “em”, *efühlen*, “sentir”.

<sup>12</sup> ALMEIDA, R. *A Empatia em Edith Stein*. 2003, p. 20.

Do momento que o sujeito tem diante de si um outro 'eu', o sujeito compreende que está ali um outro sujeito que tem uma estrutura igual ao seu 'eu', mas que tem sua singularidade própria formada pelas vivências subjetivas que lhe são próprias. É este conhecer o outro e reconhecer interiormente sua singularidade que se define como conhecimento imediato do sujeito presente e é ato empatizante. Isto equivale a dizer que é uma atividade entropática, é possível conhecer a experiência do outro que constrói pela vivência da intersubjetividade um espaço para a comunidade.

Para que esta vivência aconteça é preciso uma abertura ao ser do outro. Farias comenta Stein afirmando que "para aproximar-se da interioridade do alheio na medida necessária para os seus objetivos, ele deve ser capaz de abrir-se. Não se pode tornar em objeto o sujeito"<sup>13</sup>. É possível afirmar a partir disto que a empatia é a vivência da experiência interior alheia, ou ainda, que é coparticipação nesta vivência.

### **Os elementos steinianos sobre a empatia**

Para um procedimento mais organizado e pedagógico sobre as partes do pensamento steiniano sobre a empatia é preciso considerar alguns elementos como centrais. O primeiro é a corporeidade, mas será preciso pontuar seu entendimento sobre percepção interna e percepção externa. Originariedade e não-originariedade. Com isso será mais fácil completar o entendimento sobre o ato de "empatizar".

### **A Corporeidade**

Tema muito atual nos debates filosóficos, a corporeidade tem ganhado muito espaço em pensadores como Ponty, Buber e Levinas. Para E. Stein a corporeidade pertence ao fenômeno que leva o sujeito ao encontro do mundo e do outro. Aqui entra o tema dos mônadas<sup>14</sup>. Pois para ela o sujeito que vai ao encontro do outro não é uma mônada separada e sim é enquanto é diante do outro: "o outro se revela como outro de meu eu, no momento em que me vem dado em um modo diferente do 'eu'"<sup>15</sup>. A corporeidade se apresenta como necessária para a vivência concreta da empatia.

<sup>13</sup> FARIAS, M.. *A empatia como condição de possibilidade para o agir ético*. 2013. p 53.

<sup>14</sup> Mônada é um conceito Leibniz e é usado por Husserl para designar o *eu* na sua concreta plenitude, eu que "compreende a inteira vida de consciência, efetiva e potencial" (cf. HUSSERL, E. *Cartesianische Meditationen* I. Haag: M. Nijhoff, 1950, p. 102).

<sup>15</sup> STEIN, E. *Il problema dell'Empatia*. 2003, p. 121.

Assim, segundo Alfieri, “a vivência intropática, mediante um contínuo experimentar o outro, permite apreender o indivíduo no seu duplo aspecto constitutivo: como corpo próprio/vivenciado (*Leib*) e como personalidade”<sup>16</sup>

A partir deste preposto é preciso compreender que para E. Stein o ser humano se forma de um corpo próprio e este está interligado ao psíquico, mas não se pode falar da integralidade do corpo, pois existem elementos como a fantasia. Ela, a fantasia, é capaz de modificar o entendimento referente ao corpo próprio. Porém, não é possível distanciar-se do corpo próprio na fantasia, permanece o aqui, nunca se está no ali, na exterioridade.

Este corpo – *körper*, existe independente dos atos de percepção externa, ele está sempre com o ser, diferentemente dos objetos fora, pois “o corpo está sempre aqui, enquanto os outros objetos estão sempre ali”<sup>17</sup>. O corpo próprio passa a ser, diante disso, o ponto zero de orientação em relação aos outros corpos e não cabe à singularidade de um único sentido a totalidade da percepção da corporeidade. Ela chega a colocar-se a questão sobre a possibilidade da existência de um ser com suas sensibilidades e sem a corporeidade, e a resposta vem a ser negativa. As sensações são sempre vividas dentro do indivíduo que sente, e este depende da corporeidade.

A empatia faz com que *eu* perceba o mundo agrupado ao redor da minha corporeidade. Assim, a cada momento a percepção do que está em torno ao meu ‘eu’ muda e assim se conhece algo novo em referência ao velho entendimento de um momento atrás. O ato de conhecimento é uma resposta ao que se dá diante da vivência da corporeidade com seu entorno. Respeitada a totalidade da individualidade do que se manifesta como fenômeno vivenciado.

O que está entorno é sujeito em sua totalidade, independentemente do meu ‘eu’. O ato da empatia, o empatizar, é conceber o outro como sujeito<sup>18</sup>, para isso é preciso relacionar-se com o sujeito em sua subjetividade e intersubjetividade, para pode conhecer. Esse é o princípio empático do conhecimento.

<sup>16</sup> ALFIERI, F. *Pessoa humana e singularidade em Edith Stein*. 2014, p. 86.

<sup>17</sup> STEIN, E. *Il problema dell'Empatia*. 2003, p. 125.

<sup>18</sup> “Eu posso encontrar uma pessoa e ter um reconhecimento súbito de que é um ser humano, imediatamente o vejo como indivíduo e identifico como alguém semelhante a mim. Assim, enquanto eu o vejo, tenho, ao mesmo tempo, percepção e entropatia, ou seja, percepção e apreensão de que é um ser humano. Porém, o que me acontece no nível psíquico? Existe uma reação de atração e repulsão, a simpatia ou a antipatia. É verdade que sempre ativamos a antipatia ou a simpatia, porém, o primeiro movimento não é nem de antipatia e nem de simpatia, mas é de captar que se trata de um ser humano. A entropatia é um ato específico, não pode ser confundido com a reação psíquica da simpatia”. BELLO, A. *Introdução à Fenomenologia*. 2006, p. 65.

É fato que as reflexões sobre a fenomenologia exigem um exercício grande de entendimento de muitos conceitos que lhe são muito próprios. Um destes conceitos importantes é referente aos sentimentos. E. Stein afirma que:

Os sentimentos comuns são sempre vivenciados como proveniente do corpo próprio, como um influxo promovedor ou paralisador que exerce o estado do corpo próprio sobre a afluição do vivenciar [...]. “Os sentimentos comuns” de natureza não corporal são os estados da alma, dado que estes não provêm do corpo, os distinguimos dos verdadeiros e próprios sentimentos comuns como uma espécie a si mesmo; não sacia o corpo próprio e este último não é nem alegre nem melancólico, mas pode ser forte de força ou fraco<sup>19</sup>.

A singularidade do ser se dá na integralidade de todos os sentimentos que formam o ser, tanto os sentimentos físicos, aqueles psíquicos como, também, aqueles emocionais.

Dentro do tema da corporeidade surgiram até aqui o tema da singularidade, dos sentidos, da subjetividade e da intersubjetividade, do ato de conhecer e do ato de empatizar. É preciso acrescentar a estes a sua *manifestação*. Isto porque E. Stein diferencia duas formas de manifestar-se ou expressar-se: *zivilisierten* e *beherrschede*. Respectivamente se pode traduzir por “homem civilizado” e “homem controlado”. O *zivilisierten* é capaz de se conter ao expressar seus sentimentos, o *beherrschede* se deixa guiar por normas de caráter social, estético e normativo. Isto faz com que se possa deduzir que não existe uma universalidade da manifestação dos sentimentos, cada sujeito se manifesta de acordo com a sua própria singularidade: “o sentimento requer segundo a sua essência expor-se em uma expressão e as espécies diversas de expressões são diversas possibilidades de essências”<sup>20</sup>.

O corpo próprio está para a manifestação da corporeidade enquanto a consciência está para a individualidade<sup>21</sup>. É assim que se poderia sintetizar o conjunto das várias ideias de E. Stein naquilo que concerne à corporeidade.

### **Empatia, enquanto experiência não-originária**

Se a compreensão de que a experiência da empatia é uma vivência de *empatizar*, existe como perceber nesta experiência um *empatizante* e um *empatizado*.

---

<sup>19</sup>STEIN. E. *Il problema dell'Empatia*. 2003, p. 136.

<sup>20</sup> STEIN. E. 2003, p 142.

<sup>21</sup> Cf. STEIN. E. 2003, p 147.

Quem empatiza é quem se move na direção do outro, de suas vivências. Estas vivências são sempre vivências alheias, pertencem ao empatizado. Portanto, o apreendido pelo empatizante, ou seja, a experiência alheia é não-originária.

“[...] esse outro sujeito tem originalidade, embora eu não a experimente, é originalidade; a alegria que dela brota é uma alegria original, embora eu não a experimente como original. Na minha vivência não original eu sinto, de certa forma, movido por um original que não é vivido por mim e que está lá, se manifesta em minha vivência não original. Assim, temos, na empatia, um tipo *sui generis* de atos vivenciais”<sup>22</sup>.

A empatia é originária por seu conteúdo. A empatia é não-originária nos seus atos de consciência. E. Stein, afirma que a empatia é um ato que “é originário enquanto vivenciado no presente, ao passo que é não-originário pelo seu conteúdo. E tal conteúdo é uma vivência que, como tal, pode ser implementada em múltiplos modos, como ocorre na forma da recordação, da esperança, da fantasia”<sup>23</sup>. Equivale a dizer que a experiência é originária enquanto quem a vivencia é o *alter ego*, quando o *ego* pela empatia vivencia, está vivência-alheia torna-a presente em si e o conteúdo desta vivência passa a estar presentificada no *ego*. Porém, presentificada de forma não-originária. Portanto, originalidade é para E. Stein “todas as nossas experiências presentes intensas como tal”<sup>24</sup>.

### **Sobre a percepção interna e a percepção externa**

No que tange as questões das percepções surge uma importante necessidade de diferenciação, pois, para E. Stein existem duas formas de se dar a percepção. Uma é a percepção externa e a segunda a percepção interna. Este assunto é importante para compreender as muitas possibilidades fenomenológicas existentes.

Quando as percepções das vivências que tem um caráter psico-espiritual ou ainda vivências que se definem como psicofísicas, elas não podem ser apreendidas por uma percepção externa. A empatia as apreende pela percepção interna. Ainda no caminho para entender estes dois conceitos, se percebe na leitura da tese de E. Stein que a relação de empatia e percepção interna precisa ser bem definida, pois, conforme afirma Farias, não raro se incorre em engano, “igualando seus conceitos de maneira

---

<sup>22</sup> STEIN, E. 2003, p.

<sup>23</sup> STEIN, E. *Il problema dell'Empatia*. 2003, p. 77.

<sup>24</sup> STEIN, E. 2003, p. 73.

errônea. Já vimos como se dá a vivência da percepção externa do outro, contudo também existe a percepção interna que Edith Stein achou por bem denominar 'intuição interna'<sup>25</sup>.

E. Stein compara a percepção interna como os atos reflexivos de uma pessoa que terminam por formar na pessoa sua vida interior. É Scheler o interlocutor com quem ela dialoga em sua tese. Pois para Scheler na vivência do "eu alheio" a percepção é a mesma percepção do "eu próprio", enquanto para E. Stein é preciso sempre perguntar-se se o que *eu* sinto é próprio ou é um sentir de outro em mim. Ou seja, é sempre o *ego* quem sente, seja originaria ou não-originariamente, e é a percepção interna que tem a faculdade de saber diferenciar este sentir.

Quanto à percepção externa, Almeida é feliz ao explicar que:

O outro *eu* que vejo diante de mim e a apreensão da dor me fazem experienciar a consciência alheia numa percepção interna. Devemos, pois, entender que empatia vai além deste termo "percepção interior". A empatia é outra vivência, a da apreensão do objeto percebido interiormente. A percepção externa pode ser meio de aproximação ao interior alheio, mas a vivência da empatia não está condicionada, somente, à vivência perceptiva. A empatia tem caráter imediato de um "dar-se conta" da essência vivencial. Pode, mas não necessariamente, o eu captar a dor envolvido de percepção externa: "Quiça está sua cara pálida e assustada, sua voz afônica e comprimida, quiçá também da expressão à sua dor com palavras". Nesse notar sensivelmente, por via perceptiva, verificamos por parte do eu cognoscível um indivíduo possuidor de capacidade retentiva das impressões sensíveis da alteridade<sup>26</sup>.

A percepção externa é que considera os vários lados da pessoa *ic et nunc*, é uma percepção referente aos atos, que se dá no espaço e no tempo. O ser é aqui, definido por ela como "ser-cósmico", enquanto um lado do ser está se manifestando, os outros lados presentes no mesmo ser existem, ainda que não se manifestem ao *ego*.

### **A pessoa espiritual: a capacidade de transcender como parte da totalidade do ser**

O ser humano é compreendido na fenomenologia de Hesserl, como também naquela de E. Stein, como a totalidade de todas as suas dimensões, internas e

---

<sup>25</sup> FARIAS, M. 2013, p. 32.

<sup>26</sup> ALMEIDA R. *A Empatia em Edith Stein*. 2003, p. 24.

externas, vivências e contextos (ou circunstância). Os dois autores reconhecem que é parte da totalidade ser humano a capacidade de transcender. “Essa possibilidade é inerente à sua estrutura enquanto pessoa espiritual. Nesse direcionamento, Stein afirma ser o sujeito espiritual uma consciência que constitui objetos do mundo objetal com seus correlatos”<sup>27</sup>.

Para compreender esta dimensão E. Stein utiliza a expressão “atos do espírito”. O que ela pretende dizer com este conceito é que os atos do espírito são aqueles capazes de transformar as vivências do mundo em vivências *eidéticas*. As vivências espirituais ou aquelas chamadas de *noéticas* são processadas pelas percepções em um mundo ético, de valores e de cultura do sentir.

Enquanto inerente à totalidade do ser, a pessoa espiritual tem plenamente sua dimensão histórica e a posse de seus atos. E. Stein afirma ainda que as pessoas espirituais são possuidoras de uma consciência livre e isto lhe permite viver para si, vivenciar internamente, e a permite vivenciar para fora, uma característica chamada de *eu puro*, como afirma Bello:

O termo pessoa, para Stein, se funda na experiência de si mesmo e na experiência do outro. Nesse último caso, a empatia enquanto vivência da experiência alheia se concentra a ideia de pessoa que abertura a consciência alheia. Daí se deduz que emana é vivência entre pessoas. A característica compreensiva da pessoa espiritual reside nessa capacidade de apreender e compreender. No caso de empatia com animais, eles têm, a nível perceptivo, somente uma apreensão, mas não uma compreensão. A pessoa espiritual é consciente de si mesma e esta noção o caracteriza como *eu puro*. Esta última possibilidade é peculiar a pessoas espirituais<sup>28</sup>.

Chegado a este ponto do texto, ainda plenamente totalmente inserido nas categorias de dimensão filosófica, enquanto fenomenológica, da tese de E. Stein sobre a empatia, se abre uma possibilidade de aproximação com as suas obras escritas após a conversão ao catolicismo e que ganham um horizonte de fenomenologia e mística cristã. Um assunto, certamente, interessante à muitas áreas e que compete primariamente a teologia e que precisa de espaço de pesquisa para ser desenvolvido. Por isso, como possibilidade de Conclusão compreendo ser possível um mais abrangente e completo estudo do problema da empatia em E. Stein, a ser desenvolvido em etapa posterior que dialoga com a teologia cristã.

---

<sup>27</sup> ALMEIDA R. 2003, p. 36.

<sup>28</sup> BELLO, A. *Introdução à fenomenologia*. 2000, p 69.

## Bibliografia

ALFIERI, Francesco. *Pessoa humana e singularidade em Edith Stein*: uma nova fundação da antropologia filosófica. São Paulo: Perspectiva, 2014.

ALMEIDA Renaldo Elesbão de. *A Empatia em Edith Stein*. In: Cadernos IHU / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. - [Ano 1, n. 1 (2003)]- - São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003.

ALVES, P. *Empatia e Ser-para-outrem*: Husserl e Sartre perante o problema da intersubjetividade. In.: Revista Psi: Estudos e Pesquisas em Psicologia – UERJ. Ano 8, nº 2. p. 334-357, 2008.

BELLO, Angela Ales. *A fenomenologia do ser humano*: traços de uma filosofia do feminino. Bauru, São Paulo: Edusc, 2000.

FARIAS, Moises Rocha. *A empatia como condição de possibilidade para o agir ético*. Dissertação (mestrado em filosofia). Universidade Estadual do Ceara. Fortaleza, 2013.

HUSSERL, E. *Cartesianische Meditationen I*. Haag: M. Nijhoff, 1950.

HUSSERL, Edmund. *Ideas Relativas a una fenomenología pura y una filosofía fenomenológica*. Libro Segundo: Investigaciones fenomenológicas sobre a constituição. Tradução Antonio Zirióon Q. México: UNAN, Instituto de Investigaciones Filosóficas, 2005.

MANGANARO, Patrizia. *Verso l'altro*: l'esperienza mistica tra interiorità e trascendenza. Roma: Città Nuova. 2002.

STEIN, Edith. *Il problema dell'Empatia*. Roma, Edizioni Studium, 2003.

STEIN, Edith. *La pasión por la verdad*: Introducción, traducción notas del doctor Andrés Bejas. Buenos Aires: Bonun. 2003.

STEIN, Edith *Obras selectas*. 2º edição preparada por Francisco Javier Fermin. Burgos-Espanha; Monte Carmelo. 2012.